

PERSONAGEM, ESPAÇO E NARRAÇÃO EM “MINHA GENTE” E SUA RELAÇÃO COM O TEMA DA VIAGEM. Aline Maria Magalhães de Oliveira, Maria Célia de Moraes Leonel. – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara.

Na obra de Guimarães Rosa, observamos que a viagem é um tema recorrente e de importância fundamental para o desenvolvimento da ação das personagens e para a descoberta do mundo natural e do indivíduo. Benedito Nunes (1996, p.254) afirma que, nos textos rosianos, quase tudo se passa a céu aberto ou em trânsito, num constante movimento de ir e vir. Pelas veredas que formam caminhos e descaminhos, que ora se unem e ora se apartam, tudo converge para a viagem cíclica, simbologia da vida, também cíclica, que é conhecimento e descoberta do mundo, das coisas, do místico, do conhecimento de si mesmo e do outro.

Existem muitas formas de viagem, que não precisa ser necessariamente a transposição de um espaço físico a outro. Segundo Octavio Ianni (2000), a viagem pode ser real ou imaginária, filosófica, artística, científica. “Ela compreende várias significações e conotações simultâneas, complementares e mesmo contraditórias” (IANNI, 2000, p.11). Maria Célia Leonel também compreende, em relação a Guimarães Rosa, a viagem em toda sua diversidade de acepções: “[...] a realizada pelo aprendizado de línguas estrangeiras, o ato de viajar concretamente efetivado por Guimarães Rosa, aquela produzida pela imaginação e pelo conhecimento, a viagem como objeto de registro, como tema na obra e, por fim, como escritura, ou seja, a elaboração lingüística vista como uma forma de viagem” (LEONEL, 2003, p.88). Podemos encarar a própria obra do escritor mineiro como uma possível viagem.

De maneira geral, às personagens rosianas, a viagem é fundamental na descoberta do outro e do “eu” pois, apesar de se dar fora do espaço de origem, a travessia se dá sempre dentro do sertão, que representa o mundo, e, subseqüentemente, dentro do homem em sua universalidade.

De acordo com Benedito Nunes (1969, p.174), existir e viajar confundem-se. Para ele, o homem é naturalmente um andarilho, um ser em movimento, sempre em movimento, sempre em busca de respostas, de conhecimento e de aprendizagem, pois o mundo apresenta-se como cifra a ser interpretada. Já para Octavio Ianni (2000, p.29), nem a todos é dado o viajar, mas o viajante parece ter dentro de si um “eu-nômade” que o incita a buscar lugares novos e culturas diferentes, como se o espaço novo pudesse também modificar seu ser.

Benedito Nunes (1996, p. 253) explica que o modo rural de vida das personagens rosianas lhes impõe uma condição andeja, como acontece no conto “O burrinho pedrês”, em que as personagens são obrigadas a viajar para levar o gado ou em “Conversa de bois”, em que o menino tem de viajar para levar o pai morto para ser enterrado junto com as rapaduras como encomenda.

Apesar da relevância do tema da viagem para uma melhor interpretação e entendimento dos textos rosianos, ele não foi ainda suficientemente abordado pela crítica literária, até o momento. Por isso, nosso interesse em retomar o tema, analisando de que forma ele se relaciona com os processos de composição do discurso narrativo rosiano.

Para este estudo, escolhemos como *corpus Sagarana*, primeira publicação do autor, que reúne nove contos, dentre os quais sete possuem a viagem com o tema e onde ela é fundamental para o desenrolar da ação e modificação das personagens.

Dentre os sete, selecionamos o conto “Minha gente” para análise por retratar muito bem como a viagem pode ser relevante ao desenrolar da história e para o conhecimento da personagem, pois é durante uma viagem à fazenda do tio que a personagem central da história encontra seu destino, que era descobrir o verdadeiro amor.

O título “Minha gente”, com o pronome possessivo em primeira pessoa, já indica que a história será contada por um narrador protagonista e antecipa que se trata de relato de memórias. Portanto, o narrador é autodiegético porque relata as suas próprias experiências como personagem central da história.

O conto é a história de um moço da cidade que parte em viagem para a fazenda do seu tio Emílio e reencontra sua prima Maria Irma, pela qual ainda era apaixonado. Ele faz inúmeras

tentativas de conquistar a moça, mas todas são frustradas. O narrador faz uma analogia entre as táticas de conquista amorosa e o jogo de xadrez, que são explicitadas a todo momento: “Devo mostrar-me caído, enamorado. Ceder terreno para depois recuperá-lo. É boa tática...Um ‘gambito do peão da Dama’, como Santana diria” (ROSA, 1980, p. 214). Ou ainda nesta passagem: “Mordi os beijos e não gemi. Santana teria apenas classificado: partida empatada por xeque perpétuo”(ROSA, 1980, p. 214).

Sabemos que o xadrez é um jogo de estratégia e reflexão. Mas o amor não segue a razão, nem raciocínio, nem obedece às regras de um jogo. Por mais que o protagonista tenha planejado e criado várias estratégias, o amor acontece inesperadamente, conforme reflete o narrador na seguinte passagem: “[...]a estrada do amor, a gente já está mesmo nela, desde que não pergunte do amor – em cuja porta não se chama e não se espera – fica um pouco mais adiante.” (ROSA, 1980, p.221)

O final é inesperado: o protagonista apaixona-se pela amiga de Maria Irma, Armanda, com a qual se casa. A prima, por sua vez, casa com o ex-noivo da amiga Armanda e, ao que tudo indica, o final é o típico “e viveram felizes para sempre”, conforme conta o próprio narrador nesta passagem:

E foi assim que fiquei noivo de Armanda com quem me casei no mês de maio, ainda antes do matrimônio da minha prima Maria Irma com o moço Ramiro Gouveia, dos Gouvêias da fazenda Brejaúba, no **todo-fim-é-bom**.(ROSA, 1980, p.223; grifo do autor)

Para a personagem central, a viagem tem o sentido primeiro de aprendizado, conforme observamos logo no início da narrativa: “Mas muitas outras [coisas] eu tinha de aprender” (ROSA, 1980, p. 173). Mais que o aprendizado das coisas do campo e do sertão, trata-se do aprendizado da vida, pois essa viagem tem o valor de um divisor de águas na vida do protagonista. Ela representa também uma viagem maior, que é a própria vida.

É importante notarmos que o espaço rural é transformador da personagem, que é um homem urbano. Oliveira (1985, p.442) acredita que o sertão é o único ambiente em que o homem assume a espontaneidade, onde o instinto humano está mais evidente, onde os modos primitivos de vida ainda imperam. Nesse caso, o espaço não é apenas o cenário onde se desenvolve a ação das personagens, mas está tão intimamente ligado a elas e torna-se também personagem, agente modificador do homem.

No que diz respeito às personagens, salientamos que o autor consegue, por um poder criativo e enredo muito bem estruturado, criar um ambiente tão verossímil a ponto de acreditarmos que aquele é um relato de uma pessoa real. Mas não podemos nos esquecer de que a personagem é um habitante da realidade ficcional e a matéria de que é feita e o espaço que habita são diferentes da matéria e realidade humanas, pois elas só existem no plano da linguagem. As personagens de Guimarães Rosa dão-nos essa sensação de seres reais devido à habilidade do autor em criar personagens coerentes e bem estilizados, além de utilizar um discurso que valoriza a oralidade.

Dessa forma, podemos entender personagem, espaço e a viagem como elementos intrinsecamente ligados na narrativa, pois, em nenhum momento, são separados ou independentes uns dos outros, mas, ao contrário, se relacionam ao longo do texto. Isso não acontece apenas em “Minha gente”, conto escolhido para essa análise, mas em todos os outros que compõem *Sagarana*.

**Bolsa: PIBIC - CNPq**

## Referências

BRAIT, B. **A personagem**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, A. Sagarana. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Fortuna crítica, 6) p. 243 – 247.

CARDOSO, S. O olhar do viajante (do etnólogo). In: NOVAES, A. (Org.) **O olhar**. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 347-360

COUTINHO, E (Org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Fortuna crítica, 6).

COVIZZI, L. M; NASCIMENTO, E. M. F. S. **João Guimarães Rosa: homem plural escritor singular**. São Paulo: Atual, 1988.

DIMAS, A. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1994. (Princípios)

FERRI, D. **Textualidade e intertextualidade em contos de Sagarana**. Araraquara, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: \_\_\_\_ **Enigmas da modernidade – mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 11-31

LEONEL, M. C. M. Viagens rosianas. In: MARCHEZAN, L. G; TELAROLLI, S. **Cenas literárias: a narrativa em foco**. Araraquara: Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p. 87-112.

NUNES, B. A viagem. In: \_\_\_\_\_. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 173-179

\_\_\_\_\_. De Sagarana a Grande sertão: veredas. In: \_\_\_\_\_. **O crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998. p. 247-262

\_\_\_\_\_. A personagem do romance. In: **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Coleção debates).

OLIVEIRA, F. Guimarães Rosa. In: COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. v5. p. 402-449.

PEIXOTO, N.B. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, A. (Org.) **O olhar**. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.

REIS, C; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos, 29).

ROSA, J.G. **Sagarana**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980.

SEIDINGER, G.M. **A visão do narrador rosiano em contos de Sagarana**. Araraquara, 1999. 211p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista.

SPERBER, S. F. **Caos e cosmos**. São Paulo: Duas Cidades, 1976